



MARIA E O FEMININO NA DOCTRINA DAIMISTA

Andreia Cristina Serrato*

Amanda Vicentini**

RESUMO

Na mesma direção de um revival das sabedorias e medicinas ancestrais indígenas, experimentamos o resgate de um feminino sagrado e da sua relação com aspectos da natureza. O Santo Daime é a mais antiga e conhecida religião ayahuasqueira, e sua origem se dá quando Mestre Irineu, fundador da doutrina, tem um encontro com uma entidade feminina, que seria ao mesmo tempo a “Rainha da Floresta”, ou ainda a “Virgem da Conceição”. Aqui vemos o sincretismo que é assumido entre uma perspectiva xamânica e católica. No conteúdo doutrinário daimista composto por músicas, Maria é representada no seu aspecto materno e feminino e na relação com os elementos da natureza. Para tanto, este artigo pretende trazer uma abordagem histórica de como Maria e o feminino se apresentam nesta religião e como elas se relacionam com os elementos da natureza. Uma análise hermenêutica dos hinos Lua Branca, Mãe Celestial e Sol, Lua, Estrela, nos ajudam a entender as interrelações da imagem arquetípica de Maria no seio da tradição daimista.

Palavras chave: Maria; Santo Daime; Arquétipos; Feminino.

MARIA AND THE FEMININE IN THE DAIMIST DOCTRINE

ABSTRACT

In the same direction as a revival of ancestral indigenous wisdom and medicine, we experience the rescue of a sacred feminine and her re-

* Professora do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-PR. Doutorado na área de Teologia Sistemática pela PUCRJ e mestrado em Teologia Moral pela FAJE/Belo Horizonte. Graduação em Artes Plásticas pela Faculdades de Artes do paraná.

** Doutoranda em Teologia pela PUCPR. Mestrado em Teologia pela PUCPR. Faz parte do programa na Katholische Privatuniversität Linz – Áustria. Graduação em Comunicação Social – Jornalismo.



lationship with aspects of nature. Santo Daime is the oldest and most well-known ayahuasca religion, and its origin is when Mestre Irineu, founder of the doctrine, has an encounter with a female entity, who would be at the same time the “Queen of the Forest”, or even the “Virgem da Conceicao”. Here we see the syncretism that is assumed between a shamanic and catholic perspective. In the Daimist doctrinal content composed of songs, Mary is represented in her maternal and feminine aspect and in her relationship with the elements of nature. A hermeneutic analysis of the hymns Lua Branca, Mãe Celestial and Sol, Lua, Estrela help us to understand the interrelationships of the archetypal image of Mary within the Daime tradition.

Keywords: Mary; Santo Daime; Archetypes; Feminine.

MARÍA Y LO FEMENINO EM LA DOCTRINA DAIMISTA

RESUMEN

En la misma dirección que un renacimiento de la sabiduría indígena y la medicina ancestral, experimentamos el rescate de un femenino sagrado y su relación con aspectos de la naturaleza. El Santo Saime es la religion de la ayahuasca más antigua y conocida, y su origen se encuentra cuando Mestre Irineu, fundador de la doctrina, tiene un encuentro con un ente femenino, que sería a la vez la “Reina del Bosque”, O incluso la “Virgem de la Concepción”. Aquí vemos el sincretismo que se asume entre una perspectiva chamánica y católica. En el contenido doctrinario daimista compuesto por cantos, María está representada en su aspect materno y femenino y en su relación con los elementos de la naturaleza. Un análisis hermenéutico de los himnos Lua Branca, Mãe Celestial y Sol, Lua, Estrela nos ayuda a comprender las interrelaciones de la imagen arquetípica de María dentro de la tradición del Daime.

Palabras clave: María; Santo Daime; Arquetipos; Femenino.

INTRODUÇÃO

Em tempos antigos, a relação do ser humano com a natureza era bem diferente da que temos atualmente. Havia um desejo de harmonia e de ritmo no qual se inserir no cosmos sagrado. Os elementos da natureza tinham relações com a divindades. Ao longo dos anos perdeu-se tal relação devido a grandes descobertas e avanços que trouxeram certa qualidade de vida e conforto ao ser humano, o que foi muito impor-



tante, mas na sua ambiguidade, o tornaram dono de si, da terra e de outros seres vivos. Essa concepção é parte da sociedade patriarcal onde a mulher é parte desta dominação. Para muitos antropólogos, tanto as mulheres como a natureza são apreendidas como inferiores a cultura, associada aos homens. Grupos humanos mais ligados a natureza foram considerados primitivos e inferiores o que levou ainda mais a uma legitimação da dominação das mulheres, negros, indígenas.

Apesar da dura e complexa dominação, a parede patriarcal está sendo, aos poucos, rompida. As mulheres feministas ganham força e buscam sua forma própria de diálogo e reflexão no campo da religião, abrindo hermenêuticas próprias e eficazes para retomar a relação e o cuidado com a natureza em tempos de grande degradação. Aquilo que era considerado inferior para o homem, como a natureza, a mulher e tantos outros povos, estão buscando sua própria maneira de refletir e se fazer compreender.

Neste sentido, um campo profícuo para essa investigação são as religiões ayahuasqueiras, religiões que se fundamentam a partir do uso ritual da ayahuasca, uma bebida milenar psicoativa usada por povos da região da floresta amazônica que tem se expandido por todo o território brasileiro e outros países.

Este artigo propõe refletir sobre Maria na tradição daimista, e o modelo arquetípico feminino e por consequência, também materno, que se apresenta nessa doutrina, sugerindo além de um sincretismo entre referências xamânicas e do catolicismo popular, uma certa dimensão universal desse arquétipo. Podemos dizer que este é o principal ponto de relação entre a Maria Católica e a noção ameríndia da polaridade feminina do cosmos, de modo particular o lunar.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e histórica da religião Santo Daime e, partir dela, apresentar uma hermenêutica de três hinos da doutrina: Lua Branca, Mãe Celestial e Sol, Lua, Estrela em que se destaca Maria. O percurso realizado foi apresentar o que é a tradição do Santo Daime, fundada por mestre Irineu, religião ainda pouco conhecida e carregada de preconceitos, destacando a figura feminina, Maria, bem como suas relações na fundação da religião. Em seguida apresentamos os arquétipos do feminino ao redor da figura da



mulher e da natureza. E, por último, fazemos a hermenêutica de hinos daimistas no que se refere a Maria e aos elementos da natureza.

Destacamos que a análise já parte de uma leitura feminina e feminista das autoras. Nesta reflexão está presente Maria, rainha da floresta, arquétipo feminino da fertilidade, mestre Irineu, um seringueiro negro, influenciado pela cultura indígena, afro e catolicismo popular que vivia na floresta amazônica de onde tirava seu sustento. Assim segundo Clifford GEERTEZ (2008, p. 4) a “religião é um sistema cultural de símbolos”. Neste sentido compreendemos que uma religião possui características do lugar onde ela nasceu. Pois todas as religiões terão traços culturais de um povo e regiões específicos. Escolhemos uma religião nascida no coração da Amazônia onde o sincretismo assumido entre uma perspectiva xamânica e católica ganhou o mundo.

1. SANTO DAIME: A DOMESTICAÇÃO CATÓLICA DA AYAHUASCA

O Santo Daime é a mais conhecida religião ayahuasqueira¹ (Beatriz LABATE, 2002). São denominadas assim, religiões que se formam a partir do uso ritualizado da ayahuasca. Surgiu na década de 1930, no interior da floresta Amazônica, mais especificamente na cidade de Brasiléia no Acre. Tudo teve início quando Raimundo Irineu Serra², o Mestre Irineu, como ficou conhecido mais tarde, teve contato com a ayahuasca.

Ayahuasca é uma bebida preparada a partir da cozedura de um cipó e das folhas de um arbusto. Ayahuasca tem origem quechua: *Aya* - alma, espírito e *huasca* - cipó: cipó das almas. Este é o mais conhecido dos 42 nomes usados para nomear a bebida. “Caapi”, “Yagé”, “Kamarampi”, “Honixua”, “Hoasca” e “Daime” são alguns dos outros nomes dados à ayahuasca.

¹ O Santo Daime, a União do Vegetal e a Barquinha são denominadas por Beatriz Labate (2004) como “religiões ayahuasqueiras”, ou seja, religiões que se formam a partir do uso ritualizado da ayahuasca. Um fato curioso que é apontado por Beatriz Labate (2002) é que somente no Brasil se desenvolveram religiões de populações não indígenas que fazem uso desta bebida.

² Irineu Serra nasceu em São Luís do Ferret, Maranhão, no dia 15 de dezembro de 1892. Pobre e negro, cresceu em uma família com fortes influências da pajelança, uma vertente que congrega elementos das culturas indígenas, das religiões afro-brasileiras e da medicina rústica cabocla e do catolicismo popular (Beatriz LABATE, 2002).



É uma beberagem milenar utilizada por pelo menos 70 povos indígenas da região da floresta amazônica. A partir de estudos realizados pelo Museu Etnológico da Universidade Central de Quito, Equador, estima-se que a bebida é consumida há pelo menos 2.050 anos (Luis Eduardo LUNA, 1986). É considerada uma bebida sagrada e cultuada pelos povos que a utilizam por sua potencialidade de promover êxtases religiosos, suas propriedades curativas e acesso ao mundo espiritual.

A bebida é preparada a partir da cocção de um cipó de nome científico *Banisteriopsis caapi*, conhecido por “jagube” ou “mariri” e das folhas de um arbusto, o *Psychotria Viridis*, conhecida popularmente como “chacrona” ou “rainha”.

A história mítica que se conta sobre a origem do Santo Daime começa quando Irineu Serra bebeu a ayahuasca pela primeira vez, tendo-a conhecido através de ayahuasqueiros peruanos. Ao tomar a bebida, Irineu ouviu uma voz que pedia para que se retirasse na mata sozinho, durante oito dias, comendo somente macaxeira insossa e bebendo a “bebida sagrada”. Na mata, Irineu tem a visão de uma mulher muito bela, de nome Clara. Ele a vê sentada no meio da lua, trazendo na cabeça uma águia e entrega a ele uma laranja, que seria a representação do mundo. Esta mulher seria a “Rainha da Floresta”, ou ainda a “Virgem da Conceição”, e ela teria muitos ensinamentos, “muitas coisas finas”, para entregar a Irineu. É através dessa entidade espiritual feminina que ele aprendeu a chamar a bebida de Daime, expressão que se relaciona ao verbo “dar” e aos rogativos “dai-me força”, “dai-me luz”, “dai-me amor” (Edward MACRAE, 1992, p. 67). A partir desse encontro, Irineu começa a estruturar o tronco fundamental da doutrina daimista. Todos esses ensinamentos são “recebidos do astral”, de forma passiva e intuitiva. Eles são estruturados em forma de poesias musicadas que começam a estruturar o “Hinário O Cruzeiro”, um conjunto de 129 hinos.

Para a cosmologia daimista cada uma das plantas utilizadas na preparação da bebida representa uma qualidade de força pertencente ao Daime. À folha chacrona é atribuída a “energia feminina”, “Luz” da natureza, fazendo referência também à Mãe, Virgem Maria. O cipó jagube contém a “energia masculina”, “força do universo”, e, portanto, referência ao Pai, O Deus Criador de tudo.



O Santo Daime surge como uma nova forma de consumo e ritualização da bebida, pois transforma simbolicamente a ayahuasca em Daime, de certa forma “domesticando, convertendo e sacralizando a bebida” (Alberto GROISMAN, 1999, p. 101). No seu processo de formação, essa doutrina incorporou e reelaborou elementos de diversas correntes espirituais e religiosas, como o xamanismo, o espiritismo kardecista, aspectos das religiões afro-brasileiras e do cristianismo, especialmente do catolicismo popular.

São várias as divindades católicas que fundamentam o “simbolismo celestial” do Santo Daime. Jesus Cristo, a Virgem Maria e diversos santos católicos são a base do panteão daimista. (Cláudio FERREIRA, 2008, p. 96). Jesus Cristo para os daimistas representa a fonte original da concepção espiritual do grupo. A passagem dele na terra representa a chave para a comunhão com Deus. Ele é o mestre ensinador, pois teria deixado os ensinamentos e promessas da dimensão espiritual do mundo e do retorno ao Pai (Alberto GROISMAN, 1999). A base moral cristã é o caminho para um verdadeiro desenvolvimento pessoal e o único caminho para a salvação. Portanto, devemos considerar que o xamanismo e o cristianismo são as principais influências e referências para a construção simbólica e estrutural da doutrina daimista. Nesse sentido, Fernando COUTO fala em um o processo de cristianização da pajelança e da indigenização do cristianismo:

Se, por um lado, observamos a “cristianização” da pajelança indígena com a inclusão de orações cristãs e santos na categoria de espíritos familiares, por outro lado, o novo ritual formado apresenta elementos que “indianizam” o cristianismo, representado aqui pela sua vertente católica, como o uso de maracás, o bailado nos rituais e nomes como Tucum, Currupipiraguá, Marachimbé, Titango, Tituma e Tarumim, que denotam a influência indígena, além do consumo ritualístico da ayahuasca (Fernando COUTO, 1989, p.16).

Um forte elemento que aponta para essa concepção é a própria gênese da doutrina daimista. Como já apresentado aqui, Irineu Serra recebe a missão e os ensinamentos do Santo Daime a partir de uma entidade feminina que é identificada como Nossa Senhora da Conceição, uma das mais populares manifestações da Virgem Maria na cosmovi-



são do catolicismo popular brasileiro, assumindo um papel central na doutrina. No entanto, como apontado por Cláudio FERREIRA (2008), é esse mesmo ícone do catolicismo que conduz o humilde seringueiro para o interior da floresta, para ensinar-lhe os mistérios da ayahuasca. MacRae acredita que esse processo aconteceu porque:

Ao ter mirações³, onde uma “senhora”, a “Rainha da Floresta”, vinha lhe entregar seus ensinamentos, Mestre Irineu mantinha-se estritamente dentro da tradição dos xamãs ayahuasqueiros. Mas, como caboclo, fortemente influenciado pelas tradições ocidentais e cristãs, ele a percebe não como uma entidade indígena, mas como o grande arquétipo católico da maternidade, Nossa Senhora da Conceição, largamente cultuada em toda a região. Dessa forma, a tradição de origem indígena e pagã, pode ser incorporada ao culto aos Santos, tornando-se também mais legítima e socialmente aceitável (Edward MACRAE, 1992, p.120).

No catolicismo popular latino podemos perceber a importância da Virgem Maria no universo simbólico religioso. Além de Jesus Cristo, a imagem mítica de Maria certamente é uma das mais populares. Para Orlando ESPIN (2000), as populações ameríndias e mestiças da América Latina tinham dificuldades de incorporar e compreender uma concepção trinitária de Deus que foi trazida pelos missionários católicos. Diante disso, começa uma forte incorporação de culto aos santos e de modo especial à Maria, apresentada sob diversas representações e consolidando-se na religiosidade latina e brasileira, não apenas dentro do cristianismo católico, como em outras religiões como Umbanda, Candomblé, Islamismo, Espiritismo, dentre outras. Maria representa uma espécie de mãe universal de

³ O termo miração tem influência da fronteira boliviana e peruana, que significa mais que ver. É um estado diferente das visões alucinatórias, nela podem ocorrer fenômenos homólogos aos estados de êxtase ou transe da experiência mítica. Dentro do contexto em que ocorrem, todos têm acesso à mesma dimensão inconsciente, o que vale é a singularidade do indivíduo, seu momento existencial, sua condição na cultura em que vive e o conhecimento da dimensão a qual ele tem acesso. OLIVEIRA, Livea Pires de. Dissertação de mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Os soldados da Rainha da Floresta. A identidade Religiosa nos adeptos da doutrina do Santo Daime. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/25704/Livea%20Pires%20Martins%20de%20Oliveira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 30/03/2023.



todos os seres humanos que, a devoção à Maria faz sentirem abraçados e acolhidos pela mãe das mães. No caso daimista, destaca-se a importância que Maria assume na composição simbólica do Santo Daime. Ela é aquela que entrega a Irineu a missão de fundar o movimento daimista. “A Virgem é ‘Clara’, a ‘Rainha da Floresta’, senhora do universo, protetora dos fracos e oprimidos, grande intercessora da humanidade, entidade espiritual que se encontra na gênese do Santo Daime” (Cláudio FERREIRA, 2008, p.99). Essa é a face daimista de Nossa Senhora da Conceição a qual ocupa um espaço central na liturgia a partir das canções.

2. ARQUÉTIPOS FEMININOS: NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, RAINHA DA FLORESTA

Ao considerar a história do surgimento do Santo Daime, reconhecemos uma mulher relacionada ao cristianismo, Nossa Senhora da Conceição e, com a natureza, a Rainha da Floresta, que neste caso é a mesma, Nossa Senhora da Conceição Rainha da Floresta.

Dentre as culturas e justamente na história da busca religiosa da humanidade o arquétipo feminino teve enorme importância. A psicologia contribuiu com os estudos e explica que há certa tensão entre o modelo arquetípico que dá lugar a projeções e expectativas ideais no encontro com a mulher concreta, inclusive na realização da própria feminilidade. Esse processo expressa-se através das necessidades de proteção, cuidados amorosos, segurança afetiva e religiosa que se manifestam de acordo com imagens simbólicas do absoluto: deusas do amor, da justiça, da beleza, da sabedoria etc. (Cf. FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore, 1995, p. 1097-99). Consta-se assim a “importância que o arquétipo do feminino teve – e continua tendo – na experiência religiosa da humanidade e na sua capacidade de aproximar-se do mistério” (FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore, 1995, p. 1098).

A interpretação arquetípica das manifestações simbólicas de natureza religiosa poderiam levar a conclusão de que são apenas projeções dos desejos da humanidade, entretanto desde o ponto de vista cristão sustenta-se que os “arquétipos são estruturas dinâmicas inconscientes criaturais, isto é, projetadas e integradas no plano salvífico de Deus, e, conseqüentemente ordenadas ao conhecimento da verdade que



emana de Deus” (FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore, 1995, p. 1098). Neste contexto, ao considerar que o mistério da encarnação enriquece a dignidade de todo ser humano porque possibilita sua elevação sobrenatural à união com Deus em Jesus Cristo, afirmamos de acordo com a carta Apostólica *Mulierus Dignitatem* (n. 4, 1988) que “a ‘mulher’ é a representante e o arquétipo de todo o gênero humano: representa a humanidade que pertence a todos os seres humanos, quer homens quer mulheres”. Não atentar a este fato fará surgir visões distorcidas que desprezam, desqualificam e desvalorizam a mulher a colocando em uma escala inferior ao homem, potencializando arquétipos da dualidade e de papéis sociais pré-determinados para o homem ou para a mulher.

A relação com Nossa Senhora da Conceição, como mencionado acima, pode-se aproximar pelo fato do conhecimento que Mestre Irineu tem do cristianismo. Foi a devoção popular a Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Portugal, que predominou em terras brasileiras. Embora não tenha sido Nossa Senhora da Conceição Aparecida que mestre Irineu viu, arrisca-se aqui uma relação entre as “duas Marias”. Nossa Senhora da Conceição Aparecida mulher de grande importância para o brasileiro cristão. Devoção originada a partir de uma imagem sem cabeça, ‘pescada’ em um rio no ano de 1717. A cabeça foi encontrada, em seguida. Descobriu-se posteriormente que a imagem de barro estava escurecida devido a ação do tempo que permaneceu na água, tratando-se de Nossa Senhora da Conceição, devoção trazida pela colonização portuguesa.

O fato é que até antes de encontrarem as partes da imagem, os pescadores não tinham trazido em suas redes peixe algum. Conta-se que conservaram a imagem em seu barco e creditaram a ela a grande pesca que fizeram em seguida, correndo o risco de seu barco afundar de tantos peixes encontrados. A essa imagem deu-se o nome de Nossa Senhora da Conceição Aparecida conquistando o povo brasileiro, principalmente aqueles que se identificaram inicialmente com ela, os pescadores e todo povo humilde como eles, espalhando-se a notícia de vizinho para vizinho até a solidificação do grande Santuário de Nossa Senhora da Conceição Aparecida construído no vale do rio Paraíba⁴:

⁴ Para saber mais sobre a história de Nossa Senhora da Conceição Aparecida consultar: AZEVEDO, Manuel. *O Culto a Maria no Brasil. História e Teologia*. São Paulo: Santuário, 2001.



A simples estatueta, trouxe nova força e identidade a todos, sobretudo aos negros da região e circunvizinhanças que passaram a encontrar nela uma expressão ‘de sua raça, de sua cor, de sua história’. A cor da imagem adequa-se à população da região, formada por mamelucos, índios, negros, alguns mulatos e brancos (Manuel AZEVEDO, 2001, p. 67).

Segundo Maria Clara BINGEMER e Ivone GEBARA (1988, p. 181) “a virgem encontrada tinha a cor do povo”. Arrisca-se afirmar que esta experiência aproxima-se da experiência de mestre Irineu pelo fato da identificação com o povo amazônico, Nossa Senhora da Conceição, rainha da Floresta, pois o povo vivia da mata, extraia seu trabalho da natureza, no caso de mestre Irineu, como seringueiro.

Em uma relação ao contexto de identificação entre as aparições, acredita-se que o culto a Maria, na península ibérica, sofreu influência da religião céltica na qual a Terra-Mãe possui um papel central: “As primeiras manifestações do culto mariano na Península Ibérica estão enraizadas numa tradição pré-cristã” (Riolando AZZI, 2004, p. 215). Quanto a Rainha da Floresta há um sincretismo entre sua figura feminina e a lua. Mestre Irineu descreveu que estava deitado fitando a lua, quando a lua ficou bem perto dele e dentro dela avistava, sentada uma senhora divina. No dia em que teve a visão apareceu a ele uma mulher muito bela, apresentando-se como Rainha da Floresta a qual reconheceu como a Virgem da Conceição. Importante destacar que o principal espaço sagrado para os daimistas é a floresta Amazônica, a mata, fonte da matéria prima do chá que ingerem em seu ritual. Consideramos que a a Virgem da Conceição, representada no mito fundacional daimista e parte da experiência do adepto, “foi reapropriada no interior de uma cosmovisão que conferiu lugar de destaque à Mãe Divina na condução da experiência extática propiciada pela tomada da ayahuasca” (ROSA SAQUE Lara, 2020, p. 177).

Para o povo latino-americano a leitura sobre Nossa Senhora encontra-se distante da preocupação com os dogmas. As Comunidades Eclesias de Base (CEBs), promotora de estudos bíblicos confrontados com os fatos da vida, lideradas principalmente por mulheres, desenvolveram uma devoção a Maria como mulher dinâmica, ativa e corajosa,



que enfrenta os perigos e procura o que deseja e sonha (Cf. Maria Clara BINGEMER, 2017, 32). Para essas comunidades Maria

Participa da luta de seu Filho, diz sim ao projeto de Deus e está com elas. Maria as ajuda a confrontar seus maridos violentos e machista, denunciar a opressão. Nela encontram uma companheira, alguém de carne e sangue, que é santa e maravilhosa, mas também muito humana; pode ajudá-los, no coração de sua difícil realidade e história, a ter uma vida melhor e trazê-la para seus filhos e seu povo (Maria Clara BINGEMER, 2017, 32).

Após observarmos esta compreensão latino-americana sobre Maria, acreditamos que está muito próxima da compreensão que mestre Irineu, provavelmente, recebeu a partir do catolicismo popular.

Antes de iniciarmos a análise dos hinos daimistas, torna-se importante também verificarmos alguns simbolismos da lua na vida humana e suas relações. Mircea ELIADE, (1998, p. 131), grande cientista das religiões, afirma que “a lua nunca foi adorada em si mesma, mas no que ela revelava de sagrado, quer dizer, na força que está concentrada nela, na realidade e na vida inesgotável que manifesta”. Embora o avanço tecnocientífico tenha causado um efeito de descrença na influência causada pelos elementos da natureza, temos presente que seu alcance trata-se mais do que uma mitologia, “a influência da lua em nossas vidas remonta a figuras arquetípicas do feminino e materno, da ligação intrínseca com a natureza” (Aldo TERRIN, 1996, p. 210). As hierofanias lunares, para Mircea ELIADE (1988, p.150) estão relacionadas à fertilidade, às águas, à vegetação, à mulher, ao antepassado mítico. Outro elemento que aparece na visão da rainha da floresta, a lua.

3. MARIA NOS HINOS DAIMISTAS:

A música cria uma espécie de signo marcante no inconsciente dos participantes. De acordo com Beatriz LABATE e Gustavo PACHECO (2009) na vasta literatura sobre a ayahuasca, fala-se pouco sobre a dimensão sonora. A influência causada pela música leva o participante, a sensação de que ela foi feita “sob medida” para aquela determinada cura (Susana BUSTOS, 2008, p. 84). Por isso a utilização das metáforas, aberta a interpretações, permite que as pessoas sintam-se contempladas



por determinadas canções. A dimensão musical e corporal na doutrina do Santo Daime tem sua importância, produz uma metalinguagem musical, e com efeitos poderosos sobre a consciência, em combinação com a ayahuasca, leva ao transe. Para Judith BECKER (1994), o ato de ouvir envolve não apenas a parte auditiva do cérebro, mas as áreas de linguagem e áreas onde o medo e o ódio são ativadas. Assim, a música cria condições emocionais e estrutura processos temporais de eventos simbólicos. Memória, afeto, linguagem e cognição criam uma sinestesia com o ambiente, com as pessoas e com suas memórias: “o caráter não verbal da música, com seu potencial comunicativo, emocional e expressivo, é uma boa pista do papel central que a música desempenha nestas religiões” (Beatriz LABATE e Gustavo PACHECO, 2009). Na cultura daimista, considera-se que os hinos não são compostos, mas “recebidos” do astral por inspiração divina. Há uma ideia de que há uma “casa dos hinos” no astral e é o acesso ao mundo espiritual que possibilita o recebimento de uma mensagem musicada.

Os hinários do Santo Daime são a fonte-palavra e são fundamentais para compreendermos e elaborarmos uma teologia dessa religião. São os hinos “recebidos do astral”, expressados oralmente pelo canto nos rituais daimistas, o principal elemento que separa o Santo Daime da ayahuasca indígena. Na concepção daimista, a bebida torna-se um enteógeno a partir do verbo, da palavra cantada. “A conjugação dos hinários com a ayahuasca é o Santo Daime, onde a música, o canto e a bebida, personificam seu ritual” (Fernando PERES, 2016, p.8). O Santo Daime fundamenta-se a partir dos ensinamentos deixados por Mestre Irineu no seu Hinário “O Cruzeiro”, um conjunto de 129 hinos. Este é considerado pelo universo daimista o texto sagrado e o hinário-tronco da doutrina. São nesses hinos que “se inscreve a teologia do Daime, eles desvelam a vocação de Irineu Serra, sua missão; esquecida a música, as diferenças culturais e religiosas são eclipsadas ou aceitas como simplesmente secundárias” (Fernando PERES, 2016, p.1).

Apesar de “O Cruzeiro” ser considerado o principal hinário da doutrina, muitos outros também foram e ainda são “recebidos” por outros adeptos do Santo Daime. No entanto, “todos os hinos recebidos durante ou após o encerramento deste hinário são um seguimento, e devem



responder e confirmar sua mensagem” (Alberto GROISMAN, 1999, p. 129). O hino é considerado uma mensagem espiritual, um guia orientador, são revelações e ensinamentos divinos expressados em forma musical

Os hinos do Santo Daime tratam de temas diversos como: o amor ao próximo, a verdade, a justiça, a cura, a disciplina, a humildade, a harmonia. Encontramos frequentemente referenciados no hinário figuras e símbolos do cristianismo, especialmente a Virgem Maria e Jesus Cristo, além de símbolos e elementos da natureza como o sol, a lua e as estrelas. Também há referência há seres e entidades indígenas e africanas como Tuperci, Tucum, Titango, Agarrube, no entanto, apresentadas com menor frequência e expressividade.

Vamos nos dedicar neste momento a tentar desenvolver uma exegese de alguns hinos do Hinário “O Cruzeiro” do Mestre Irineu e compreender qual e de que forma se expressa a força simbólica de Maria na doutrina.

Lua Branca

Deus te salve, oh! Lua Branca
Da luz tão prateada
Tu sois minha protetora
De Deus tu sois estimada
Lua Branca
Tu sois a flor mais bela
Aonde Deus pôs a mão
Tu sois Minha Advogada
Oh! Virgem da Conceição
Estrela do Universo
Que me parece um jardim
Assim como sois brilhante
Quero que brilhes a mim

Esse é o primeiro hino recebido por Mestre Irineu e marca o início do hinário “O Cruzeiro” e conseqüentemente, da doutrina do Santo Daime. O hino saúda a “Lua Branca”, pois teria sido em uma noite que a lua se fez cheia, que Irineu teve seu primeiro contato com a Virgem da Conceição, a Rainha da Floresta.



O hino “Lua Branca” registra a hierofania que funda “O Cruzeiro” ao mesmo tempo que seu simbolismo prolonga hierofanias anteriores onde, a partir da “Lua Branca”, desdobra-se a epifania da “Deusa Universal”, “Nossa Senhora da Conceição”, “Rainha da Floresta” (Arneide CEMIN, 2001, p.185).

O simbolismo cósmico lunar fazendo referência ao arquétipo feminino atravessa a história mítica e simbólica da humanidade. As referências do hino Lua Branca, claramente remetem a um arquétipo materno, simbolizando a “mãe espiritual da humanidade” (Fernando COUTO 1989, p. 53). É uma modalidade do sagrado que se expressa a partir da sacralização e adoração da natureza. No hino de Mestre Irineu, Nossa Senhora da Conceição, uma das mais importantes entidades católicas, confunde-se com a natureza, com a “flor mais bela” e “delicada” e com o “brilho luminoso da lua”. É ela que zela pela humanidade e ilumina os caminhos em direção a Deus. Aponta-se a relação com o arquétipo da mulher relacionada a lua, figura arquetípica do feminino e materno ligado a natureza, fertilidade, às águas e à vegetação. Ao mesmo tempo que demonstra uma integração entre a mãe Maria e a rainha da floresta, reforça o arquétipo da mulher mãe. O próximo hino, Mãe celestial, adentra-nos na confiança depositada na mãe celestial.

Mãe celestial

Eu peço e rogo
Oh! Mãe celestial
Que tudo enquanto eu tenho
É vós é quem me dá
Oh! Mãe celestial!
Eu peço e rogo Ao Pai celestial
Que tudo enquanto eu tenho
É vós é quem me dá
Oh! Pai celestial!
Eu peço e rogo
Oh! Mãe celestial
Que me dê a salvação
E me bote em bom lugar
Oh! Mãe celestial!



Esse hino revela a força da representação do arquétipo da mãe celeste. Para Juarez BONFIN, 2006, são inúmeros os hinos d'O Cruzeiro Universal que elevariam a natureza feminina e materna, onde a partir de infinitos nomes como: a Divina, a Rainha, a Advogada, a Protetora, Nossa Senhora, Mãe de Deus, Virgem da Conceição, ela é evocada em primeiro lugar, não parecendo haver uma supremacia patriarcal na Corte Celestial.

Ainda, na contramão da cultura ocidental que tradicionalmente procura e se relaciona com Deus no seu aspecto paterno e masculino, o hino sinaliza uma equanimidade na representação dos binômios, masculino-feminino, pai-mãe, onde a mãe tem um lugar próprio de força e poder, diferente dos arquétipos do feminino. Parece aqui ultrapassar esta representação potencializada pela dualidade, onde a supremacia encontra-se na mãe.

Isso ainda nos recorda as diferentes culturas religiosas, especialmente as pré-cristãs, como o hinduísmo e as ameríndias que tinham (e ainda tem) no imaginário, a Grande-Mãe como a representação e identidade divina primordial, intimamente ligado à natureza, seus ciclos e sua capacidade de doação, abundância e geração de vida. Como bem coloca o hino: “*Oh! Mãe celestial Que tudo enquanto eu tenho, E vós é quem me dá*”. No próximo hino encontramos a relação entre a Virgem Mãe e os elementos da natureza sugerindo a interligação entre o que está no céu e o que está na terra, apontando para uma tríade:

Sol, Lua, Estrela
Sol, Lua, Estrela,
A terra, o vento e o mar
É a Luz do firmamento
É só quem eu devo amar
É só quem eu devo amar
Trago sempre na lembrança
É Deus que está no céu
Aonde está minha esperança
A Virgem Mãe mandou
Para mim esta lição
Me lembrar de Jesus Cristo
E esquecer a ilusão
Trilhar este caminho
Toda hora e todo dia
O Divino está no Céu
Jesus Filho de Maria



Este hino exalta os elementos da natureza como seres divinos sugerindo a influência da cultura ameríndia na doutrina daimista. “É uma característica também presente nos rituais indígenas, onde os astros são entidades que governam o destino dos homens” (Vera FRÓES, 1986, p. 101-102). A adoração à natureza parte de uma concepção de arquétipos que são fontes doadoras de atributos necessários à sobrevivência na terra. Cada elemento ou entidade possui uma energia que estabelece o equilíbrio da vida.

Juarez BONFIM (2006) traz uma entrevista de Mestre Virgílio, um líder da doutrina que faz uma interpretação trinitária do simbolismo do “sol, da lua e das estrelas”. Aqui ele compreende Deus como o sol em sua expressão masculina, a lua como o aspecto feminino de Deus e a estrela, como um terceiro elemento, representando uma das pessoas da Santíssima Trindade. Ele analisa essa ideia da seguinte forma:

Sol, em primeiro lugar, é ele quem representa (Deus) no firmamento, é ele quem nos dá a luz do dia e quem nos dá o calor, quem nos supre de energia. É o Deus masculino, nós sem essa luz não somos nada, o Sol é o Rei do dia. A lua representa o Deus feminino, ela é a Rainha da Noite, ela nos clareia, nos supre de energia e nos fornece o frio pra completar a temperatura do corpo. A Estrela completa uma das três pessoas da Santíssima Trindade que representa no firmamento. (Depoimento Mestre Virgílio em Juarez BOMFIM, 2006, p. 52).

Vemos portanto aqui, mais uma vez o simbolismo cósmico lunar sendo referenciado à Maria e ao feminino. Outro importante fator deste hino são as duas últimas estrofes, onde mais uma vez fala-se da “lição”, dos “ensinamentos” que a Virgem Mãe trouxe para serem seguidos. Aqui, a lição é bastante clara, é a superação do mundo da ilusão que se dá quando se trilha e se busca o caminho crístico “toda hora e todo dia”.

Muitos seriam os hinos para apresentar, contudo destacamos alguns nesta relação entre os fiéis, a natureza e Maria. Uma religião fundada por um homem que escutou a mulher Maria, arquétipo da fertilidade e da maternidade. Unida a ela está a lua, rainha da noite, do mistério. A grande mãe, rainha da floresta, compreende a necessidade de seus filhos e provê o que necessita para seu sustento e para a conexão com o mundo transcendente.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biodiversidade religiosa está longe de eliminar diversas tradições religiosas e as inserir dentro de um hall único e institucionalizado, principalmente pelo patriarcado. Sabemos que as religiões possuem características culturais e nascem a partir delas na relação com o transcendente. Isso constamos com a história do surgimento da religião daimista. Mestre Irineu escutou e viu uma mulher em sua relação com a natureza. Aquela que provê seu alimento e o guia contra a dureza e a opressão da vida.

A relação com o arquétipo feminino, além de apresentar a relação materna, destaca a relação com a natureza, ora pode ser de dominação, pois ele é um seringueiro, ora pode ser de auxílio que recebe ao entoar os hinos. Por isso o cuidado da rainha da floresta é importante para manter seu sustento espiritual e físico.

Nosso intuito não é esgotar o tema, até porque ainda temos reduzidas literaturas, entretanto, ao considerarmos a religião como sistema cultural de símbolos em seus traços culturais e experienciais próprios, a tradição do Santo Daime aponta para um sincretismo xamânico-católico. A mulher, Nossa Senhora da Conceição, Rainha da Floresta, pede ao homem que leve seu conhecimento ao povo. Verificamos aqui a figura da mulher e da natureza presente e impulsionando o início da tradição.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Manuel. **O Culto a Maria no Brasil**. História e Teologia. São Paulo: Santuário, 2001, p. 67.
- AZZI, Riolando. **A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BECKER, Judith. **Music and trance**. Leonardo Music Journal, v.4, p. 41–51, 1994.
- BINGEMER, Maria Clara. **As hermenêuticas de Aparecida**, p.21-43. In: Aparecida 300 anos de fé e devoção. São Paulo: Santuário; Ave Maria, 2017.
- BONFIM, Jueaz Duarte. **O Jardim de Belas Flores**. Salvador, 2006
- BUSTOS, Susana. **The healing power of the icaros: a phenomenological study of ayahuasca experiences**. Doctorate in Philosophy. San Francisco: California Institute of Integral Studies, 2008.
- CEMIN, Arneide Bandeira. **O poder do Santo Daime: Ordem, Xamanismo e Dádiva**. São Paulo, Terceira Margem, 2001.



- COUTO, Fernando. **Santos e Xamãs**: estudos do uso ritualizado da ayahuasca por caboclos da Amazônia e, em particular, no que concerne sua utilização sócioterapêutica na doutrina do Santo Daime. Dissertação de mestrado em Antropologia. Brasília: UNB, 1989.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ESPIN, Orlando. **A Fé do Povo**: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular. São Paulo: Paulinas, 2000.
- FERREIRA, Cláudio Alvarez. **O vinho das almas**: xamanismo e cristianismo no Santo Daime. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo: PUC-SP, 2008.
- FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore. DICIONÁRIO DE MARIOLOGIA. **VERBETE: Psicologia**, p.1096-1100. São Paulo: Paulus, 1995.
- FRÓES, Vera. **Santo Daime**. Cultura amazônica. História do povo Juramidã. Manaus: SUFRAMA, 1986.
- GEBARA, Ivone. BINGEMER, Maria. Clara. **María Mãe de Deus e Mãe dos pobres, um ensaio da mulher e da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GROISMAN, Alberto. **Eu venho da floresta**. Um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.
- LABATE, Beatriz. *A literatura Brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras*. In: LABATE, Beatriz Cayubi; SENA ARAÚJO, Wladimir. *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 231-273.
- LABATE, Beatriz Caiuby; PACHECO, Gustavo. **Música brasileira de ayahuasca**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.
- LUNA, Luis Eduardo. **Vegetalismo**: Shamanism among the Mestizo population of the Peruvian Amazon. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 1986.
- MACRAE, Edward. **Guiado pela Lua**. Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.
- PAPA JOÃO PAULO II. Carta apostólica Mulieris Dignitatem. Sobre a Dignidade e a Vocação da Mulher por ocasião do ano mariano. 1988. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html. Acesso em 10/06/2023.
- PERES, Fernando. **Esboço de uma teologia antropológica do Santo Daime**. Conferência Mundial da Ayahuasca, Rio Branco, Acre, 2016.
- ROSA SAQUE, Lara. **A Virgem da Conceição na doutrina do Santo Daime**: A construção de um mito fundacional sob a ótica do princípio pluralista. *Sacrilegens*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 169–180, 2020. DOI: 10.34019/2237-6151.2020.v17.32693. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/sacrilegens/article/view/32693>. Acesso em: 30 mar. 2023.

Submetido em: 10-4-2023

Aceito em: 14-6-2023